

A MÍDIA ESPORTIVA E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

THE SPORTIVE MEDIA AND ITS RELATIONSHIP WITH SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Wellington Nogueira Leite da Silva¹
Manuel Pacheco Neto²

RESUMO: Partindo da tese de que a mídia, de uma forma geral, faz uma grande abordagem do esporte espetáculo e transforma a maneira de ver e praticar o esporte analisamos produções a respeito desta temática por meio da revisão bibliográfica, para discutir sobre a relação entre mídia e esporte e sua influência nas aulas de Educação Física. Verificamos possibilidades do uso das informações relacionadas à temática esportiva, veiculadas pela mídia, como uma ferramenta útil nas aulas de Educação Física Escolar. Observamos que quando utilizada da maneira correta, essas informações podem contribuir para a formação de alunos capazes de interpretar as informações que a eles são oferecidas, pelos inúmeros meios de comunicação, sobre o esporte e a cultura corporal em âmbito geral. Concluímos que o professor de Educação Física deve fazer uso do diálogo reflexivo sobre o discurso advindo da mídia em suas aulas, podendo ele ser trabalhado de tal forma que desperte e estimule o senso crítico dos alunos, com base na mediação entre mídia e discente.

Palavras-chave: Esporte. Mídia. Educação Física.

ABSTRACT: Starting from the thesis that the media, in general, does a great approach to the sport as a show and transform the way you see and practice the sport, we analyzed productions about this theme through this bibliographic review, to discuss the relationship between media and sport and its influence on physical education. We checked the possibilities of using the information related to sports conveyed by the media in the Physical Education classes. When used correctly, these information can contribute for the formation of students with critical sense, students able to interpret the information offered by numerous means of communication on the sports and corporal culture in general. Concluding we the teacher in the physical education have reflexition about in the media in the classe, He can is working in the critic the students,with influence in media e students body.

Keywords: Sport. Media. School Physical Education.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, um dos aspectos marcantes alavancados pela era da globalização foi o processo de inovação tecnológica, que transformou, não pouco, a sociedade. Com esse processo, foi possível o avanço dos meios de comunicação, que trouxeram para nossos dias o aumento do fluxo de informações, a revolução das maneiras de comunicar-se, a proximidade do homem aos mais diversos fatos, enfim, o

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

² Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

mundo passou a conhecer uma nova forma de comunicar-se e de transmitir informações. Com isso a praticidade e uma considerável quantidade de informações digitais passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Tais inovações, advindas das novas tecnologias digitais, tornaram o mundo das informações extremamente dinâmico, veloz e mais atrativo aos olhos do público. Considerando este aspecto, o fluxo de informações relacionado aos mais diversos assuntos se tornou ainda mais acessível ao público, numa quantidade jamais vista pelas pessoas. Mais do que nunca, esta configuração se tornou corresponsável no processo de formulação de conceitos e opiniões. Com o passar dos anos, para ser mais exato com o início da globalização, a mídia passou a fazer parte da vida das pessoas e, nos dias atuais, possui grande influência relacionada à articulação de ideias e formulação de diversos conceitos (MENDES, 2009).

A difusão das mídias digitais invadiu os lares e se fez presente em nosso cotidiano, seja por televisores, programas de rádio ou até mesmo pela internet. Temos contato direto com tudo o que acontece nas partes mais diversas do planeta. A partir da intensificação do processo de globalização, no final do século XX, as pessoas passaram a interagir com uma gama muito maior de informação do que conheciam. O que antes se limitava apenas a partes restritas do mundo, agora se torna cada vez mais público e alcança as pessoas de boa parte do mundo.

Como afirma Bévort e Belloni (2009, p. 1091):

Ao final do século XX, observa-se uma verdadeira “revolução tecnológica”, decorrente do avanço técnico nos campos das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade possibilidades novas de comunicar e de produzir e difundir informação.

Nesse meio, o esporte também ganhou uma nova roupagem, e a percepção que as pessoas passaram a ter a seu respeito e a própria forma como se praticava foi se alterando e mudando de cenário. O novo enfoque atribuído ao esporte por meio da repercussão realizada pela mídia, fez com que o mesmo se tornasse mais atraente aos olhos do público. A associação bem sucedida que hoje é conhecida por esporte-espetáculo, além de ser extremamente atrativa, também faz com que o público consuma os produtos que estão vinculados ao esporte de alto rendimento. A sociedade se encanta com os grandes espetáculos nas pistas, nos campos, nos ginásios, nos tatames etc. O consumo derivado dessa relação faz do público o patrocinador direto do esporte (BETTI, 1998).

A exclusividade concedida pela mídia ao esporte e a repercussão derivada dessa relação está ao alcance de todos os públicos, dentre eles crianças, adolescentes e jovens em pleno processo de formação, que precisam de orientação adequada para interpretar o que a eles é oferecido. Nessa relação que é constituída entre público e informação veiculada pela mídia, se tratando de cultura corporal³, é de fundamental importância um diálogo, oportunizando a reflexão acerca de seus conteúdos. Na maioria das vezes, a mídia divulga informações selecionadas e descontextualizadas, tendo seu conteúdo estrategicamente elaborado para vender determinado produto ou ideia, atendendo a interesses específicos, de acordo com a lógica capitalista vigente.

Santaella (2003), ao tratar da questão do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e sua implicação em todas as esferas da sociedade, em seu estudo nomeado “Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós humano”, reforça a ideia citada anteriormente, afirmando que as tecnologias e as linguagens criadas para circular em equipamentos eletrônicos e TV’s a cabo têm como principal característica propiciar a escolha e o consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo.

Em meio a esse cenário, a Educação Física recebe parte desta influência advinda da mídia e, com isso, o conteúdo ministrado por esta disciplina está sujeito a ser norteado por acepções que não condizem com o objetivo da Educação Física escolar, ou seja, muitas vezes as aulas acabam por espelhar posturas voltadas para a busca da performance e do alto rendimento, refletindo o padrão determinado pela mídia esportiva.

Os elementos da cultura corporal do movimento, que são partes fundamentais dos conteúdos da Educação Física, são aqueles que estão sujeitos a receber maior influência, principalmente se tratando do esporte, que recebe atenção especial, devido ao seu retorno financeiro. Desse modo, a influência embutida pela ótica midiática na prática da cultura corporal muda a forma de ver e praticar o esporte no contexto escolar, que possui, no cenário atual da Educação Física, uma maior predominância.

Segundo Betti (2001), a mídia bombardeia o campo da cultura corporal do movimento, com seu vasto repertório de informações, constantemente, e uma das suas principais formas é por meio da espetacularização, que o mesmo autor conceitua como a

³ Termo encontrado em Coletivo de Autores (1992) no qual configura uma área de conhecimento que abrange atividades expressivas corporais como: dança, jogo, esporte, ginástica e outros.

busca da televisão pelo fascínio do interesse das pessoas, mexendo com elementos do inconsciente psíquico.

Santos Júnior (2007), ao refletir sobre a influência crescente da mídia sobre a cultura corporal do movimento, afirma que a televisão possui destaque por transmitir inúmeras informações, repetidamente, em comerciais, programas esportivos e transmissões de jogos, discutindo, também, regras, valores, táticas, técnicas, aptidão física, padrões corporais, aspectos históricos, entre outros assuntos.

Betti (1998), ao falar de esporte, faz uma breve apresentação de seu contexto histórico e nos situa a respeito do início da relação espectador-esporte. Nas reflexões do autor, é possível compreender, desde o momento em que os espectadores iam à ginásios e teatros apreciar apresentações e competições, até a passagem para um novo modelo de espectador: o telespectador. No entanto, não pretendemos nos debruçar sobre isto, e sim sobre a difusão que a mídia proporcionou ao esporte, desde o momento em que a iniciativa desta associação passou a ser bem sucedida, e quais os efeitos decorrentes desta relação na Educação Física escolar.

A mídia, essencialmente a televisiva, provoca nas pessoas uma mudança de percepção, que impede uma compreensão global deste novo modelo esportivo estabelecido, levando o público a um patamar de patrocinador do esporte. Vejo, logo me desperta o interesse em compra-lo, pois acredito que assim terei minha performance melhorada ou chegarei o mais próximo do atleta que quis (quero) ser. Alves Júnior et al. (2008, p. 125) destacam os aspectos citados a pouco, se referindo à mercantilização do esporte em função da sua relação com a mídia televisiva, dizendo que, “ao mesmo tempo em que a televisão passa a estar presente de forma muito crescente nos lares em todo o mundo, a mercantilização do esporte torna-se uma de suas funções cada vez mais visíveis.” Cabe à Educação Física estabelecer paralelos, dialogar e integrar o aluno criticamente nesse meio. Portanto, o objetivo desse trabalho foi discutir a relação entre mídia e esporte e sua influência na área da Educação Física Escolar, assim como, verificar possibilidades do uso das informações relacionadas à temática esportiva, veiculado pela mídia, nas aulas de Educação Física.

Do espetáculo ao telespetáculo: o esporte elevado a outro nível

Após a Revolução Industrial, nossa sociedade vem passando por um constante processo de especialização tecnológica, que nos últimos anos vem intensificando-se e transformando a maior parte do mundo e daquilo que nele existe. Com a invenção da

televisão em 1936, o fenômeno esportivo propagou-se por todo o mundo, atingindo diversos países. Neste mesmo ano ocorreram os Jogos Olímpicos de Berlim, sendo a primeira Olimpíada televisionada, no entanto restrita apenas ao país alemão (BETTI, 1998).

De acordo com Rúbio (2010, p. 61), “[...] o evento custou aos cofres do governo alemão cerca de 30 milhões de dólares, em troca o retorno do público nesta Olimpíada foi de aproximadamente 2.800.000 dólares aos cofres dos organizadores”.

Betti (1998, p.34 e 35), mostra que a partir de 1937 as transmissões foram difundindo-se e ganhando cada vez mais espaço. Neste mesmo ano, a BBC Inglesa transmitiu o torneio de Tênis de Wimbledon, sendo restrito apenas à Europa e “em 1940 uma partida de beisebol foi transmitida nos EUA”. Mas foi na década de 50 que os eventos esportivos se tornaram parte da programação regular das redes de TV. No ano de 1962 ocorreu a primeira transmissão por satélite de um jogo de beisebol, em Chicago (BETTI, 1998).

Com a sucessão de eventos esportivos sendo televisionados, deu-se início a uma das associações mais bem-sucedidas da história, de um lado a transmissão ao vivo da televisão, que redirecionava os eventos esportivos a diversas partes do mundo, e de outro o esporte, que futuramente se tornaria uma grande oportunidade de investimentos e lucro. Em meio a este cenário, o espectador agora assumira um novo papel: o de telespectador.

Com esta associação, que foi tornando-se cada vez mais lucrativa, chegando ao ponto de transformar a prática esportiva e a percepção que dela se tem, o esporte, como um construto cultural desta sociedade, recebeu e vem recebendo, a cada dia, mais influência da mídia, principalmente a televisiva. Esta mídia ao mesmo tempo em que utiliza o esporte como meio de promover eventos grandiosos que encantam o público, também atua como um forte mecanismo de manipulação, de consumo e de comercialização de produtos, atribuindo a esta relação o que podemos chamar, com base em Betti (1998) de esporte-tespetáculo.

Como ressalta Betti (1998) o discurso midiático se apropriou da televisão, fazendo uso do esporte como conteúdo, para estimular a comercialização de produtos esportivos, tornando o telespetáculo esportivo um produto de consumo.

Alves Júnior et al. (2008, p. 125) argumentam que a relação esporte-espetáculo vem alterando, progressiva e rapidamente a maneira de como praticamos e percebemos o esporte. “O elemento chave dessa transformação é o espectador, este disposto a pagar

para assistir uma competição esportiva, assumindo assim uma postura de consumidor do espetáculo esportivo”.

Kenski (1995, p. 131) frisando o oportunismo da mídia ao usar o esporte como um meio de divulgar mensagens publicitárias e gerar lucro para a televisão, ressalta:

Para a mídia em geral, o esporte é uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro. O momento da competição, propriamente dito, é apenas um “pré-texto”. Novas e múltiplas formas de exploração das imagens dos personagens esportivos se apresentam a cada dia.

A mídia modificou a forma de como entendemos e percebemos o esporte, melhor dizendo, ela contribuiu para uma mudança de nossa percepção e com isso difundiu um novo conceito de esporte, o esporte-espetáculo. Como mostra Betti (1998, p. 37) “A mídia gera uma nova hierarquia de valores, determina em grande medida a atitude do consumidor e tem grande efeito na prática do esporte, em si.”

Considerando este aspecto, discutiremos posteriormente a relação entre mídia, esporte e Educação Física escolar, dando continuação a discussão que permeia o campo da prática esportiva associa a repercussão midiática, uma vez que vemos uma mídia que se faz presente nos lares de muitas famílias, determinando padrões com o intuito de estimular o consumismo, e que de certa forma chega ao âmbito escolar por meio da relação que alunos tem com essa mídia dos dias atuais, que faz um forte apelo, essencialmente para a busca da performance e do alto rendimento.

A relação mídia, esporte e Educação Física Escolar

Constituiu-se, com o passar dos anos, uma construção imaginária sobre o esporte de alto nível, regida por uma lógica mercadológica vigente que, direta ou indiretamente, induziu o público a consumir cada vez mais. Como afirma Novaes (2010, p. 2): “A mídia esportiva exerce atualmente um papel muito forte na população, sendo uma das responsáveis diretas pelo consumo de determinadas práticas esportivas por crianças, jovens e adultos”.

Nessa perspectiva, um público alienado e incapaz de compreender, além de outros propósitos, o propósito mercantilista e reprodutivista das entidades, somado aos meios de comunicação, terá de certa forma a maneira como pratica o esporte modificada. Como ressalta Rúbio (2002), as expectativas geradas em virtude da prática esportiva levam a determinados padrões que podem ser responsáveis por determinar o

modo de agir das pessoas que escolhem o esporte como profissão ou apenas como opção de vida.

Como apresenta Penteado (1991 apud ALVEZ JÚNIOR et al., 2008, p. 127):

A televisão pode veicular nas transmissões, valores e princípios da ética capitalista, como o individualismo, a competição, o materialismo, além de outros jargões culturais, o que serve como alerta para os professores de Educação Física, especialmente, aqueles que atuam em escolas, no que se refere ao significado do esporte para crianças e adolescentes e a lógica que deve direcionar sua prática.

O consumismo exacerbado, que é uma marca do mundo moderno, tem como carro chefe a mídia e ela está constantemente trabalhando para manipular opiniões e vender produtos. O esporte está atrelado a esta relação e há uma discussão quase que inexistente quanto a este aspecto no interior da escola.

Alves Júnior et al. (2008, p. 127) apresentam argumentos que condizem com este cenário, ressaltando a importância da atitude crítica e reflexiva que os profissionais de Educação Física devem ter para interpretar o discurso esportivo que está associado à lógica capitalista:

Essas posturas críticas constituem um alerta aos educadores físicos que lidam com o esporte na escola, no sentido de levarem em conta o caráter contraditório, com que a mídia televisiva veicula as mensagens esportivas, de modo a não contaminar a cultura escolar com os apelos de mercado e da transmissão ideológica por intermédio de imagens e discursos contrários a formação de educandos para a vida.

A difusão do esporte proporcionada pela mídia vai fazer com que o público não apenas aprecie, mas também venha a consumi-lo, mas como? Comprando produtos que estão vinculados à prática esportiva, assinando canais que são exclusivamente direcionados à prática esportiva, se tornando sócio torcedor de seu clube, enfim, dentre outras formas não mencionadas aqui, que estão ligadas direta ou indiretamente ligadas ao novo modelo esportivo vigente. Neste contexto, o telespectador desempenha o papel de consumidor do esporte, agindo como uma espécie de “patrocinador” do esporte espetáculo.

Betti (1998), ao mostrar como o esporte não se limita apenas ao evento em si próprio, mas sim ganha dimensões maiores, ressalta a chamada “falação esportiva”, que desempenha a função de informar e atualizar os fatos esportivos (profissionais e pessoais), contando histórias das partidas e competições, criando expectativas, fazendo previsões, explicando, justificando, prometendo emoções, criando polêmicas,

construindo rivalidades e elegendo ídolos. O autor ainda continua dizendo, que por meio dessa função, a falação garante a coerência e a continuidade do discurso sobre o esporte, no qual notamos uma “mídia para a mídia”, principalmente por meio de canais de TV a cabo, onde é possível comprar pacotes e ter acesso exclusivo de determinadas modalidades esportivas (Combate, Premier Futebol Clube, etc.) e também TV aberta, amarrando os temas e possibilitando à programação esportiva uma continuidade dia após dia.

Às imagens dos atletas são atribuídos símbolos que possuem um valor social e que na maioria das vezes está associado a boas condutas, superação, amor à vida etc. Kenski (1995) refletiu a respeito desse caráter simbólico difundido pela mídia, dizendo que o atleta “superstar” é valorizado comercialmente como espaço publicitário, por onde podem ser veiculadas as mensagens dos patrocinadores. Divulga-se a figura de campeão e, juntamente uma imagem símbolo, que é valorizada socialmente, de saúde, força, poder, vitória e prestígio, como conclui a autora.

Como afirma Betti (2001, p. 125):

O que as mídias propiciam, num primeiro momento, é um grande mosaico sem estrutura lógica aparente, composto de informações desconexas, em geral descontextualizadas e recebidas individualmente, não instaurando, portanto, um verdadeiro processo de comunicação.

O simbolismo presente nas imagens geradas pela mídia esportiva na maioria das vezes foge do esporte real e faz o público fantasiar um mundo desportivo que só existe nas campanhas publicitárias, e é essa falsa representação do esporte que induz muitos a consumirem-no freneticamente e que, por muitas vezes ao adquirirem, não possuem orientação adequada para usufruírem do investimento ou, até mesmo, desconhecem sua finalidade. A pulseira do equilíbrio divulgada por algumas campanhas publicitárias são um exemplo, que alcançou um grande número de consumidores, mas que após testes foi comprovada sua ineficiência.

Santos Júnior (2007), ao apresentar reflexões teóricas referentes à relação entre mídia e a Educação Física Escolar, afirma que a instantaneidade de informações tecnológicas oferecidas pelos meios de comunicação de massa, configura uma nova visão cultural, onde barreiras geográficas não são empecilhos para disponibilidades de produtos de consumo ao encontro de diversos espectadores. A este aspecto podemos atribuir a forte esportivização da Educação Física escolar, que acaba por limitar seu

campo de atuação, fato que recebe influência advinda da divulgação da mídia, no que se trata da associação entre esporte e espetáculo.

É possível notar que a ausência de diálogo quanto às informações veiculadas pela mídia, que exercem influência no agir das aulas de Educação Física ainda são pouco discutidas e, quando discutidas, acabam sendo caracterizadas pela superficialidade e, de certa forma, pela irrelevância. A mídia integrada no cotidiano, aliada a uma linguagem audiovisual, modificou a forma de tanto alunos como professores interagirem com o conhecimento sobre a cultura corporal.

A influência da mídia presente na Educação Física Escolar é um desafio e, por isso, faz-se necessário avançar, no que se refere ao diálogo crítico acerca destas informações. Vemos dentro da escola um público de alunos que tem um vasto acesso aos canais de comunicação, no entanto incapazes de receber o conhecimento, interpretá-lo e se posicionar. Nota-se, também, professores que ainda veem o conteúdo derivado do universo midiático, de predominância digital, como um caminho incerto e, por isso, repleto de impossibilidades de aproveitamento, de discussões nas aulas.

Como um dos objetivos da Educação Física no Ensino Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) explicitam:

Conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito. (BRASIL, 1997, p. 33).

A questão não está no que a mídia está divulgando se tratando de esporte, até mesmo porque ela está cumprindo o seu papel funcional, o qual muito bem por sinal. Trata-se, na verdade, da forma como suas informações são assimiladas e trabalhadas, tanto dentro como fora do contexto escolar. A mídia reproduz para o público aquilo que acha pertinente ver ou ouvir. Não podemos esquecer que a todo momento vemos imagens que foram “escolhidas” para serem transmitidas a nós pelos mais diversos meios de comunicação existentes. Deste modo, o que nos orienta é a nossa percepção, e quando ela está prejudicada o que se têm é um cenário de pessoas influenciadas, incapazes de se posicionar e de contribuir para a orientação crítica do seu público escolar, pois neste cenário de pessoas influenciadas, o professor, se desavisado, estará também incluído. Interessante é ressaltar a formação desses profissionais de Educação Física que deve possuir um tom crítico de contato com a mídia esportiva e estimular esta postura ainda na faculdade, e não apenas uma formação que frisa somente aspectos

físicos e biológicos, considerando como menos importante as demais questões pertinentes de discussão nessa área.

O professor de Educação Física deve aperfeiçoar o seu contato com as redes digitais de informação, e se comprometer em analisar as informações disseminadas por estas redes sobre elementos da cultura corporal e o corpo em si, desenvolvendo assim sua própria crítica e elaborando um trabalho comprometido, que se traduzirá na forma de diálogo, colaborando para o posicionamento do aluno acerca dos vários conceitos derivados da mídia sobre o corpo e suas manifestações.

Como consta nos PCNs de Educação Física, indiferente do conteúdo pretendido, o processo de ensino-aprendizagem deve considerar e explorar as diversas possibilidades dos alunos. “Sobre o jogo da amarelinha, o voleibol ou uma dança, o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-los esteticamente, avaliá-los eticamente, ressignificá-los e recriá-los.” (BRASIL, 1997, p. 24).

Um modelo de Educação Física que enfatiza apenas o modelo desportivo nas aulas buscando o alto rendimento disseminado pela mídia, impede as demais funções expressivas dessa área. A pura esportivização da Educação Física no âmbito escolar é um modelo que já foi superado e deu espaço para uma área de conhecimento que dispõe de uma ampla gama de conhecimentos interdisciplinares que oportunizam o aluno a aprendizagem por meio das várias funções do movimento. Para tanto, discutiremos uma proposta de educação Física que se apoia nas informações sobre a prática esportiva divulgada pela mídia, e se apropria dela para possibilitar o diálogo, desenvolver o senso crítico e quebrar com paradigmas da busca excessiva pela performance no âmbito escolar.

Um novo olhar para a Educação Física Escolar

Vivemos um momento em que os recursos audiovisuais são privilegiados por alunos, conseqüentemente o contato cotidiano destes jovens com o que é veiculado pela mídia é praticamente inevitável.

Ao fazer considerações sobre o agir do professor no mundo digital, percebe-se ausência de busca por conhecimentos significativos, assim contribuindo para gerar atitudes alienantes e de comodismo nos alunos, impedindo o desenvolvimento da criticidade para interpretar os cenários estabelecidos pela mídia acerca da cultura corporal.

A Target Group Index, da Kantar IBOPE Media, divulgou um panorama dos hábitos e do comportamento do consumo de mídia no Brasil em 2015 (KANTAR IBOPE MEDIA, 2016). Para isso foi realizada uma análise de cobertura de entrevistas realizadas nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília, e nos interiores, de São Paulo e das regiões sul e sudeste. Com um universo pesquisado de pessoas de ambos os sexos das classes A, B, C, D e E com idade entre 12 e 75 anos e, também, total de domicílios, das regiões pesquisadas. Com representatividade de 49% da população brasileira entre 12 e 75 anos, contabilizando 81 milhões de pessoas. Na análise domiciliar representou aproximadamente 33 milhões de domicílios (KANTAR IBOPE MEDIA, 2016)

Os resultados desta pesquisa mostraram que o tempo médio de consumo diário de TV é de 4 h e 28 min. De 2010 para 2015 houve um aumento de consumo de 77% da TV paga, que é um dos principais veículos de informação sobre grandes eventos esportivos, tanto coletivos como individuais, além de outras temáticas envolvendo a cultura corporal e suas manifestações (KANTAR IBOPE MEDIA, 2016).

No que se refere ao acesso a internet, por onde veiculam centenas de informações voltadas aos mais diversos temas da cultura corporal, segundo Kantar IBOPE Media (2016), com base nos correspondentes Target Group Index, houve um crescimento do consumo da rede de 32% nos últimos cinco anos. Do total de internautas, 51% são das classes A e B, com idade entre 12 e 19 anos, com múltiplas formas de acesso, sendo elas smartphones, *notebooks* e *desktop*, mantendo um tempo médio de acesso, em um dia típico, de 3 h e 33 min.

Conforme Santaella (2003, p. 24), estamos inseridos em uma cultura das mídias:

Ela não se confunde nem com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura virtual ou cibercultura de outro. É, isto sim, uma cultura intermediária, situada entre ambas. Uma cultura virtual não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais a que chamo de “cultura das mídias”. Esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso.

Nesse âmbito, em que a mídia está cada vez mais vinculada ao dia a dia de jovens e adolescentes e passa a ser determinante na formulação de opiniões e conceitos, a escola enfrenta problemas. Ela se depara com um cenário constituído por alunos

absorvendo uma gama de informações cada vez maior, necessitando urgentemente de um “filtro” para selecionar as informações úteis das inúteis. O “filtro” pode ser encontrado com a prática da autonomia e com o exercício de reflexão crítica. O professor é um dos componentes responsáveis por auxiliar seus alunos a desenvolverem este modo de leitura da realidade, especialmente o professor de Educação Física, com relação à prática esportiva.

Com relação a este aspecto, Alves Júnior (2008) apresenta interessantes argumentos, que reforçam a importância da discussão no interior da escola, acerca de programas televisivos veiculados pela mídia, colaborando para a formação de uma postura crítica e interpretativa destas informações:

A escola não deve negar essa realidade, mas pode se utilizar destes programas para uma reflexão acerca de seu conteúdo, despertando nos jovens um olhar mais crítico para a televisão, estimulando-os a compreender o mascaramento das mensagens televisivas a fim de que deixem de ser meros sujeitos receptores passíveis de informações e passem a entender melhor o alcance desses programas e os valores por eles disseminados, tornando-se capazes de adotar uma postura de contraposição à lógica que subjaz às mensagens televisivas. (ALVES JÚNIOR, 2008, p. 13-14).

Betti (2001) ressalta o dever funcional da escola na era do computador e da televisão, como um lugar onde as informações desconexas da mídia sejam reunidas e discutidas para o entendimento global do contexto.

A Educação Física, que tem por finalidade, de acordo com Betti (1998, p. 15), “[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai ter a capacidade de fazer uso da Educação Física para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida”, deve ser parte ativa desta discussão, uma vez que mídia e esporte estão interligados e em determinados momentos somam-se às aulas de Educação Física.

A Educação Física escolar está sujeita a receber uma grande influência advinda da mídia, que pode determinar barreiras nas aulas. Podemos perceber isso quando o aluno não participa da aula de basquetebol, pelo simples fato de ser considerado baixo em relação aos outros colegas de sala. Temos, neste caso, uma associação ao basquete de alto rendimento. Outro exemplo muito comum pode ser notado quando os meninos jogam apenas futebol e as meninas voleibol, outra associação ao esporte de alto rendimento e uma ressalva para o machismo, ainda muito presente no mundo dos esportes, embora esteja perdendo espaço. Outro exemplo que merece destaque é o fato

dos alunos menos habilidosos geralmente serem excluídos, ou eles mesmos se excluam das aulas, por não se sentirem aptos e capazes de realizarem determinadas atividades. Esses comportamentos focados somente na aptidão se manifestam não somente dentro do âmbito escolar, propriamente dito, mas também fora da escola, no dia a dia de muitas crianças, adolescentes e jovens. É preciso que essa discussão aconteça dentro da escola e fora também, seja nos lares ou fora dele.

Com isso, é possível perceber aspectos pertinentes a esta discussão, no tocante às aulas de Educação Física e à influência recebida do modelo de prática esportiva estabelecido pela mídia, focado na performance e na competição. No entanto, não atribuímos apenas à mídia o papel de principal elemento responsável por tais posturas, pois os profissionais ministrantes das aulas de Educação Física também possuem sua parcela de culpa, gerando situações de exclusão e seleção, em determinados momentos.

Kunz (1991 apud BETTI, 1999, p. 26) ressalta essa questão, dizendo:

Os códigos do esporte, tais como o rendimento atlético desportivo, a competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas são utilizados pela Educação Física Escolar, e condicionam-se mutuamente, acabando a escola por desempenhar o papel de fornecer a "base" de uma pirâmide para o esporte de rendimento.

O potencial educacional da escola jamais pode ser limitado e cair em um abismo de alienação e comodismo. Acreditamos que sempre é possível ir além daquilo que está posto à nossa frente, principalmente tratando-se da formação integral do aluno.

Em específico no caso da Educação Física, o esporte não deve ser utilizado como um instrumento de representações do alto rendimento dentro da instituição escolar, e sim como meio de um diálogo aberto para tratar as questões advindas deste tema. Se o objetivo é preparar jovens e adolescentes para a competição do mundo desportivo, é aconselhável que aqueles aptos sejam encaminhados a instâncias específicas, que tem como finalidade treinar e produzir atletas. As aulas de Educação Física devem proporcionar experiências corporais diversificadas, apoiadas no pensamento lúdico, que norteiam a ação do professor para oferecer a seus alunos um maior leque de possibilidades.

Alves Júnior (2008, p. 26) demonstra preocupação com essa questão, dizendo que o caráter educativo e lúdico do esporte está se perdendo para uma lógica mercadológica. E segue argumentado que, nesta perspectiva, o esporte deixa de exercer

seu papel como uma ferramenta de educação coletiva e passa a ser prática de apenas alguns, acarretando a exclusão de muitos no âmbito escolar.

O cenário atual da Educação Física Escolar, ao usar o elemento esporte nas aulas, nos revela uma prática que resume seus laços pedagógicos apenas às atividades que se aproximam do alto rendimento, limitando seu ensino apenas à uma pequena parcela daquilo que o esporte pode oferecer. Isto representa um caminho contrário ao de uma Educação Física escolar que pode utilizar o esporte como meio de inclusão, para dispor de aulas com um acervo amplo de possibilidades, que visem à contribuição para a formação integral do aluno.

Conforme Darido e Rangel (2012), a forma como o esporte é utilizado nas aulas de Educação Física ainda é considerada o maior problema para adequação dos conteúdos na área. Na maioria das vezes, o conteúdo esportivo resume-se apenas aos esportes coletivos ou ao esporte preferido pelo professor. De acordo com as autoras, não há, portanto, diversificação e nem aumento de complexidade, mesmo dentro de um esporte.

Outro aspecto a ser ressaltado, e que acentua o problema de adequação de conteúdo da Educação Física trazida anteriormente, está na ausência da participação no jogo em si por parte do professor, o que caracteriza o “rola-bola” de acordo com Faria (2014), onde o professor se coloca numa posição de afastamento, por acreditar em uma suficiência por parte dos alunos quanto ao conhecimento do jogo.

Como afirma Cardoso (2003, p. 122):

Percebe-se que, a cada dia, a Educação Física tem se tornado uma disciplina técnica, exigindo performances físicas, utilizando como objetivos as concepções do esporte competitivo de alto nível. Estes objetivos do esporte, no nosso entender, não permitem a existência das várias funções do movimento, entre elas as funções comunicativas e expressivas, que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Betti (2001) o papel do professor, por sua experiência e sabedoria, deve ser o de mediador entre as mídias e os alunos. Não deve se desenvolver uma postura de negação ou preconceito com relação a elas, pelo contrário, deve expor-se às mídias, possuir uma atitude de aproximação ao invés de distanciamento do mundo das mídias, no entanto, sem deixar de fazer uso de um rigor de qualidade, recusando o que é superficial ou manipulador.

Nos PCNs (BRASIL, 1997, p. 24) vemos que:

É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.

Betti (1998) se apropria do conceito de Babin e Kouloumdjian (1989) para propor uma nova postura para a escola, se referindo a ela como “mesa do saber”, dizendo que a escola deveria ser o primeiro lugar de mesa do saber, não onde se aprende as coisas, pois isso seria possível por meio de máquinas, mas sim um lugar onde se estabelece a comunicação e se compartilha aquilo que se conhece:

Escola-mesa, rotulam Babin e Kouloumdjian, mesa sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu, a fim de ligar, isto é, de completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação. Em suma, lugar de conexões, onde se aprende ‘a ligação que as coisas têm com a ação e a sabedoria de viver’. (BETTI, 1998, p. 64).

As aulas de Educação Física também devem nortear-se por este perfil, onde se debate aquilo que é adquirido pelos alunos de diversas fontes, sejam elas internet, televisão ou qualquer outro veículo midiático, em que os alunos possam buscar informações e levar para dentro da escola. Talvez aí esteja uma oportunidade de analisar a relevância das informações advindas de inúmeros meios de comunicação para os alunos e abrir espaço para debates e traduzi-las como prática efetiva nas aulas.

De acordo com Betti (2001), a multiplicação dos meios de informação não leva a um aumento da comunicação entre as pessoas, mas a um aumento das recepções individuais de mensagens.

Betti (2001) ainda continua dizendo que o que se pretende é desenvolver nos alunos a capacidade de fazer associação entre informações desconexas, sendo capazes de analisá-las e aprofundá-las. Nas palavras do autor a escola deve ser um lugar de conexões, de comunicação entre os educandos, um lugar onde se constitua a reflexão crítica coletiva. Trata-se de assumir a responsabilidade, de mediar o conhecimento adquirido e sua finalidade, proporcionando ao aluno a oportunidade de refletir e questionar o que a ele é oferecido, advindo de diversos meios pelos quais ele têm acesso à informação, principalmente se tratando do que se refere a elementos da cultura corporal do movimento.

Machado (2006, p.134) fala a respeito do esporte espetáculo, e de como se formula este cenário nas aulas de Educação Física:

Parece claro que a crítica ao esporte é ao esporte-espetáculo, ao esporte capitalista que assume inadequadamente o ambiente escolar,

através de aulas que os alunos têm apenas que reproduzir as técnicas e os gestos esportivos adequados para procurar atingir um rendimento máximo, que é o alvo do professor. Já não existe preocupação com mais nada a não ser com o máximo empenho dos alunos mais habilidosos para que os resultados apareçam nas competições escolares e o trabalho do professor seja 'valorizado', pedagogia alienante que precisa ser revista.

Betti (2001), ao considerar o fato de que há uma grande proliferação de informações advindas das mídias, relacionada à cultura corporal do movimento, já fazia um alerta dizendo que, devido a uma difusão de informações crescentes de concepções relacionadas à Educação Física, em determinado momento os alunos estariam à frente, no que se refere à aquisição desses conhecimentos.

Esta realidade se faz presente no contexto escolar atual, com alunos atualizados e articulados em termos de informação sobre esportes, hábitos de saúde, conceitos relacionados à imagem corporal. No entanto, abre-se o parêntese aqui, para ressaltar que nem todo esse material informativo é de natureza confiável, por isso deve ser analisado e discutido.

Betti (1998) traz um conceito de escola onde, além de lugar de construção do saber, ela também é um lugar em que há a comunicação para que se organize os pensamentos e que o produto final possa ser o conhecimento. Nesse meio de comunicação o audiovisual será privilegiado, pois será colocado em questão o que cada um adquire de conhecimento sobre determinado discurso televisivo ou imagem, com isso fazendo da mídia uma ferramenta favorável ao ensino.

Diniz (2012), ao discutir a forma como a mídia influencia a interpretação da realidade dos alunos, analisou algumas possibilidades de uma proposta que abordou conteúdos da cultura corporal por meio de notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo nas aulas de Educação Física, e concluiu que a mídia pode ser uma boa opção pedagógica para as aulas.

Betti e Costa (2006), ao analisar as possibilidades de correlação entre jogo e as mídias, com o intuito de propor uma transformação do virtual em experiência corporal educativa na escola, na forma de jogos, afirma que a incorporação, nas aulas, de momentos de interação com as mídias eletrônicas vinculadas à prática, pode contribuir para a produção de novas subjetividades, por meio do desenvolvimento de um material audiovisual sobre o esporte, em uma perspectiva crítica e criativa.

Ainda em Betti e Costa (2006), encontramos como sugestão a análise da transcrição do instrumento popular pião em desenho animado intitulado Bay Blade, veiculado por alguns canais de desenhos animados tanto na TV aberta como na TV por assinatura, onde o objeto popular ganha vida como um pião virtualizado, com poderes para vencer batalhas em ambientes semelhantes a arenas. Com base nisso é possível oportunizar a releitura crítica do pião, como elemento de cultura popular e sua transição para a TV, como um elemento simbólico de luta.

Outra sugestão possível encontra-se na análise de material audiovisual ou impresso, como propagandas publicitárias, derivadas dos principais veículos de comunicação vigentes, para verificar a veracidade daquelas informações e compreender a lógica por trás destas propagandas envolvendo a prática esportiva.

Como possibilidade de ferramenta auxiliadora no processo de formação do aluno, a mídia também deve ser trabalhada na perspectiva apresentada pelos PCNs (BRASIL, 1997, p. 63):

Nesse sentido, o professor pode questionar a forma como os meios de comunicação apresentam padrões de beleza, saúde, estética, bem como aspectos éticos. Assim, pode, por exemplo, fazer leituras dos cadernos esportivos e discutir termos como 'inimigos', 'guerra', 'batalha de morte', que são empregados para descrever jogos entre dois times ou seleções e quais as implicações dessa utilização. Pode também pesquisar os tipos físicos em evidência nas propagandas, novelas, etc., e sua relação com o consumo de produtos e serviços.

Belloni e Bélvort (2009), ao trazerem o conceito chamado de mídia-educação, que pode ser descrito como a integração dos dispositivos técnicos aos processos educacionais e comunicacionais, alegam que as novas TICs representam, evidentemente, novos desafios para a mídia-educação, que deve aprender a lidar com uma cultura midiática muito mais interativa e presente entre os jovens, com fronteiras indefinidas entre a elite produtora de mensagens e a massa de consumidores, o que altera, sem dúvida, as opiniões sobre campos majoritários, como a política e a própria democracia. A maneira como os jovens vão se envolver com essas novas potencialidades, de acordo com as autoras, está diretamente ligada com a relação que eles desenvolverão com as mídias, e em parte, com o direcionamento exercido pela mídia-educação nesta relação, o que deverá ocorrer no espaço escolar.

Pitch (2003, p. 6) retrata a estrutura social vigente, apontando a escola e o mundo do trabalho, denotando o quanto, de fato, se faz necessário o aguçamento do senso crítico:

A escola, ainda privilegia a memorização mecânica e opera como disciplinadora dos indivíduos; os meios de comunicação, em particular a televisão, caminham no sentido da banalização da imagem e da informação; o mundo do trabalho pauta-se por critérios que continuam alienando o trabalhador da sua produção, inserindo-o num universo altamente regado, mecânico e reprodutivista.

Santaella (2003), ao tratar da questão do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e sua implicação em todas as esferas da sociedade, afirma que mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, ou seja, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam.

Betti (2001, p. 126) defende que não se pode ter uma postura reflexiva e crítica no momento do contato com a linguagem audiovisual. Apenas em um momento posterior é que se pode fazer esse exercício, portanto, se não se chega a esse “segundo tempo” não há reflexão. A escola deve preparar o aluno para exercer este segundo período. Como o mesmo diz “educar para este ‘segundo tempo’ deve ser uma tarefa da escola”, e pressuponho que da família também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o professor de Educação Física não pode, de forma alguma, ignorar o impacto exercido pela mídia, no que diz respeito às atividades físicas e ao esporte. O poder exercido pelos vários canais de comunicação disponíveis (televisão aberta e por assinatura, redes sociais, rádio, internet etc.) é, de fato, significativo, com amplas possibilidades de formação de opiniões completamente distorcidas sobre o ser humano em movimento, em escala massiva. Cabe, portanto, ao docente de Educação Física, a realização de um trabalho de cunho reflexivo junto aos seus alunos, assim favorecendo a formação da verdadeira cidadania crítica, principal objetivo desta relevante disciplina em nosso tempo, em detrimento da formação de atletas, objetivo já obsoleto há décadas, embora alguns profissionais ainda não percebam. Aliás, o ensejo para aprofundar as reflexões sobre este tema se apresenta, neste momento, extremamente oportuno e pertinente, mercê da realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 em nosso país, dentro de poucos meses.

A intenção não é afastar a criança ou adolescente dos meios de comunicação em massa, que veiculam informações acerca do esporte e demais assuntos, mas sim oportunizar a elas uma releitura diferenciada e interpretativa dos fatos.

O presente estudo não pretende esgotar-se nesta discussão, muito menos concluir o diálogo aqui aberto, a expectativa é dar margem a discussões mais aprofundadas quanto à influência da mídia no contexto escolar, especialmente no âmbito da Educação Física escolar e seus conteúdos. Que outras pesquisas possam explorar este campo e denotar a importância do diálogo a respeito da temática aqui tratada.

Observamos que a mídia pode ser uma ferramenta aliada na prática da Educação Física escolar, agindo de maneira auxiliadora no processo de ensino-aprendizagem, bem como na formação do aluno como cidadão ativo na sociedade em que está inserido. Para tanto, o professor de Educação Física deve exercer o papel essencial de orquestrar esta relação e permitir ao aluno a passagem para um outro nível de aprendizagem, capaz de dialogar e refletir, criticamente, quanto às informações que circulam cotidianamente nos mais diversos meios e veículos de comunicação.

Contudo, faz-se necessário, por parte do docente, desenvolver a disposição e confiança para interagir com o mundo da informação digital, se apropriando de uma postura crítico-seletiva, fazendo o uso de vídeos e reportagens, por exemplo, para oferecer aos alunos conhecimentos desportivos além daqueles popularmente já conhecidos, como no caso o *surf*, *parkour*, esportes na neve, etc. Partindo disto, escolher materiais que sejam significativos para o uso nas aulas, materiais que realcem o papel da mídia na propagação de informação e seus efeitos sobre a prática esportiva e os elementos da cultura corporal de maneira geral. O empenho no desenvolvimento desse trabalho docente contribuirá para superar o tecnicismo puramente dito e romper com o modelo seletivo de aptidões que ainda se faz dentro do âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES JÚNIOR, D. A relação mídia-esporte: um estudo das mensagens esportivas na televisão e seus efeitos na prática da Educação Física Escolar, na percepção do professor *Dissertação*. Brasília: Universidade de Brasília; 2008.
- ALVES JÚNIOR, D.; AZEVEDO, A. A. ; FERES NETO, A. *A televisão e o esporte: questões e tensões sobre o espetáculo, o mercado e o consumo*. In: AZEVEDO, Antônio Aldo. (Org.). *Torcedores, Mídia e Políticas Públicas de Esporte e Lazer*. Brasília: Thesaurus, 2008. p. 124-140.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Revista Motriz*, v. 1, n.1, p. 25 -31. Jun. 1999.
- BETTI, M. *A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1997.
- _____. Mídias: aliadas ou inimigas da Educação Física Escolar? *Motriz* Jul-Dez 2001, Vol. 7, n.2, p. 125-129.

- BETTI, M.; COSTA, A. Q. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 165-178, jan. 2006.
- BÉVORT, E; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educ. Soc. Campinas*, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARDOSO, L. C. Concepção de aulas abertas. In: KUNZ, E. *Didática da Educação Física*. 3. ed. IJUI – RS: UNIUIJUI; 2003, p. 121-158.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. *Por que a Educação Física na escola não avança ou avança tão lentamente? Algumas considerações*. In: PACHECO NETO, Manuel. (Org.). *Educação Física, Corporeidade e Saúde*. – Dourados: Ed. UFGD, 2012.
- FARIA, E. L. Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 501-513, abril/junho 2014
- IBOPE. O consumidor de mídia brasileiro. KANTAR IBOPE MEDIA. Web site oficial do KANTAR IBOPE MEDIA. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/o-consumidor-de-midia-brasileiro/>> Acesso em: 19 fev. 2016
- KENSKI, V. M. O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na Educação Física. *Revista Motriz*, v.1, n. 2, 129-133, Dezembro/1995
- MACHADO, A. A.; MORENO, R. M. Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.6, n.8, jan. /jun. 2006
- MENDES, D. S.; PIRES, G. L. Desvendando a Janela de vidro: Relato de uma experiência escolar de mídia-educação e Educação Física. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 3, p. 79-94, Maio 2009
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características usos e possibilidades. *Caderno de pesquisa em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2. sem./1996
- NOVAES, M. P. A Educação Física e Mídia Esportiva. *Revista Alterjor*. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). Ano 01, v. 01, ed 01, São Paulo. Janeiro-Dezembro de 2010.
- RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: Uma proposta de periodização. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010
- SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 22. Dezembro 2003.
- SANTOS JUNIOR, N. J. Educação Física escolar e mídia: contribuições e problematizações na formação do receptor-sujeito. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v.112, ano 12, 2007.